

## REGIONALISMO NORDESTINO: A REPRESENTAÇÃO DO SERTANEJO EM *HISTÓRIAS DE ALEXANDRE*<sup>1</sup>

Lana Jakabson Lavezzo<sup>2</sup>  
lanalavezzo@gmail.com

### RESUMO

Este ensaio teve por finalidade analisar o papel do sertanejo por meio dos aspectos regionalistas nordestinos presentes na obra *Histórias de Alexandre*, de Graciliano Ramos. Desse modo, foram analisados os elementos da tradição oral e da cultura popular nordestina.

**PALAVRAS-CHAVE:** Regionalismo nordestino; cultura popular; *Histórias de Alexandre*.

*“A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso. A palavra foi feita para dizer.” (Graciliano Ramos, em entrevista a Joel Silveira, 1948)*

### 1. INTRODUÇÃO

A obra *Histórias de Alexandre*, do autor alagoense Graciliano Ramos, traz entre diversos aspectos a tradição oral, os costumes, o cenário e os elementos da cultura popular. Tais características são pertencentes à região do Nordeste. Publicada em 1944, a obra de caráter fantasioso denuncia, de maneira implícita, as péssimas condições da população mais carente. No entanto, em outras obras do autor, essa denúncia se torna mais realista em comparação a *Histórias de Alexandre*. Isso se justifica pelo fato de que a obra busca uma realidade mais amena na fantasia, ou seja, é como se estivesse fugindo da dura realidade do sertão.

Para começar o desenvolvimento da análise de determinados aspectos da obra, é de extrema importância, primeiramente, definir o conceito regionalismo. Determinado país pode ser visto como uma unidade e, de certa forma, dentro dessa unidade há a diversidade. Da mesma maneira, sendo uma nação, há também diversas regiões que a constituem. Desse modo, essa relação entre unidade e diversidade ou região e nação, é colocada por Freyre (2001, p. 152) que explica: “Uma região pode ser politicamente menos do que uma nação. Mas vitalmente e culturalmente é mais do que uma nação; é mais fundamental que a nação

---

<sup>1</sup> Ensaio apresentado à professora Eloisa da Rosa Oliveira, como parte integrante da avaliação da disciplina Literatura 3, Curso de Letras – UNESC.

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Letras na Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

como condição de vida e como meio de expressão ou de criação humana”. Para Freyre (2001), o regionalismo é uma filosofia social.

No Nordeste surge o movimento regionalista, que busca “encorajar no Brasil uma vida cultural mais espontânea através de mais livre expressão de cultura por parte da gente das suas várias regiões” (FREYRE, 2001, p.156). Tem-se percebido que a região nordestina está perdendo a consciência dos valores de sua história e, ainda, segundo Freyre (2001), há o risco da monotonia cultural, sendo influenciada pela ideia do industrialismo capitalista norte-americano. A partir disso, busca-se fazer a análise de *Histórias de Alexandre* acentuando os elementos percebidos referentes à tradição oral e à cultura popular nordestina.

## 2. ANÁLISE DA OBRA

### 2.1 Tradição oral

A tradição oral, em *Histórias de Alexandre*, é uma forte característica da cultura nordestina. Por meio da contação de histórias, o personagem Alexandre narra a sua decadência econômica e física ao longo da narrativa, assim como descreve o cenário nordestino onde a fortuna dá lugar à pobreza. No contexto em que a obra foi publicada, o país passava por uma grande transformação, quando “[...] os alicerces de nossa economia essencialmente rural, com destaque para o plantio de café e a para criação de gado, ruíam frente ao desenvolvimento do capitalismo [...]” (OLIVEIRA, 2017, p.51).

No capítulo “História de um bode”, Alexandre, ao narrar uma aventura na caça de um bode em uma vaquejada, pede apoio à Cesária, sua esposa, que reforça a veracidade do que Alexandre conta, dizendo: “— [...] Você apareceu de gibão, perneiras, peitoral e chapéu de couro, tudo brilhando, enfeitado de ouro” (RAMOS, 2013, p.25).

Tais características descritas por Cesária, assim como inúmeras passagens semelhantes, revelam e representam as memórias de uma época quando o Nordeste era dominado pelos antigos senhores da terra, que comandavam os engenhos açucareiros. No primeiro capítulo, “Primeira aventura de Alexandre”, um diálogo entre Alexandre e Cesária aponta, para além da questão econômica, a questão escravocrata. Toda a riqueza e o luxo dos senhores da terra vinha da escravidão. A formação da sociedade oligárquica brasileira só foi possível por conta do trabalho escravo. Há uma passagem na obra que lamenta o fim da escravidão:

— Meu pai, homem de boa família, possuía fortuna grossa, como não ignoram. A nossa fazenda ia de ribeira a ribeira, o gado não tinha conta e dinheiro lá em casa era cama de gato. Não era, Cesária?

— Era, Alexandre, concordou Cesária. Quando os escravos se forraram, foi um dismantelo, mas ainda sobraram alguns baús com moedas de ouro. Sumiu-se tudo. (RAMOS, 2013, p. 12)

No desenvolvimento da narrativa, mais precisamente no capítulo intitulado “História de uma guariba”, nota-se a mudança da situação social e econômica de Alexandre. Um trecho do capítulo representa tal acontecimento:

— [...] Eu, homem de família, nascido na grandeza, criado na fartura, tendo o que precisava, do bom e do melhor, estava por baixo, muito por baixo: deitado em garranchos e folhas secas, a cabeça num travesseiro de couros dobrados (RAMOS, 2013, p.65).

Da mesma forma que a fortuna deu lugar à pobreza, a dura realidade deu espaço à imaginação. O narrador tenta fugir de sua sofrida realidade e busca na imaginação um refúgio. Esse refúgio traz uma realidade mais alegre, tanto para Alexandre quanto para as outras personagens. A realidade de miséria, violência e desigualdade é esquecida.

Portanto, a tradição oral, além de servir como meio de contar histórias, também acaba por tentar amenizar a realidade do sertão nordestino, que muitas vezes se mostra sofrida e injusta. Desse modo, pode-se compreender que o autor aborda a tradição oral em sua obra como forma de valorizar essa cultura da oralidade, de contar histórias, bem como, carrega uma crítica implícita nas bem-humoradas e exageradas histórias de Alexandre.

## **2.2 Cultura popular nordestina**

Em relação à cultura popular, os contos em *Histórias de Alexandre* podem ser uma mistura de elementos do folclore nordestino, ou seja, não se encontram histórias iguais ou muito semelhantes àquelas contadas por Alexandre. Uma hipótese para isso seria o fato de que o autor, Graciliano Ramos, poderia ter escrito os contos a partir das diversas realidades das cidades nordestinas, já que morou em várias delas. Com isso, pode-se pensar em uma mistura de diversos elementos da cultura popular nordestina presentes na obra. Graciliano também faz uma crítica à desvalorização do folclore na literatura:

[...] dotando os aspectos folclóricos de *status* literário, o alagoano contraria parte da crítica literária que julga esse tipo de literatura, que tem sua origem no seio da tradição popular e se manter por meio da oralidade, como sendo uma literatura menor. Ele a apresenta em sua riqueza, mobilidade e vivacidade. O que intenciona o romancista é um avivamento dos traços culturais que estão cada vez mais escassos,

destaca-se na obra a figura do contador de casos nordestinos como fonte imensurável de conhecimento. (OLIVEIRA, 2017, p.84)

Além dos aspectos folclóricos na cultura nordestina, o cenário regional contribui para que se compreenda mais sobre a realidade do Nordeste e do sertanejo. Um dos trechos descreve que, com exceção das terras de Alexandre, o resto do solo era pedregoso e pouco proveitoso para o plantio. Tal característica define boa parte do cenário regional e está presente no capítulo “O marquesão de jaqueira”: “— [...] Achei a terra favada, como um formigueiro. E adivinhei por que motivo a bicharia tinha entupido a minha roça. Fora dali o chão era pedra, cascalho duro que só dava coroa-de-frade, quipá, e mandacaru.” (RAMOS, 2013, p. 41)

Além do tipo de solo, ainda observam-se elementos como a coroa-de-frade, o quipá e o mandacaru, que são espécies de cactus típicas do Nordeste. Outro trecho que descreve o cenário nordestino, no capítulo *História de uma bota*, é o que se segue: “— [...] Depois eles se calaram, fizeram camas por baixo das catingueiras e pegaram no sono. Estava-se armando chuva, um calor medonho amolecia a gente, até as folhas das baraúnas tinham preguiça de bulir.” (RAMOS, 2013, p.52) Nesse trecho, há a menção de plantas da região, como as catingueiras e as baraúnas, e também ao clima quente.

Por fim, um último elemento do cenário regional a ser destacado é o rio São Francisco. O rio é parte essencial do Nordeste e é exposto por Alexandre, no capítulo “Uma canoa furada”, com grande admiração:

— [...] Caminhei, caminhei, cheguei ao S. Francisco. Seu Firmino andou no S. Francisco? Não andou. É o maior rio do mundo. Não se sabe onde começa, nem onde acaba, mas, na opinião dos entendidos, tem umas cem léguas de comprimento. Quer dizer que, se em vez de correr por cima da terra, ele corresse para os ares, apagava o sol, não é verdade, mestre Gaudêncio? Nunca vi tanta água junta, meus amigos. (RAMOS, 2013, p.63)

Ao saber um pouco mais sobre o cenário regional, pode-se pensar sobre a vivência do sertanejo nesse espaço. No livro *O Povo Brasileiro*, em um capítulo específico intitulado “O Brasil sertanejo”, Darcy Ribeiro (2015) traz as distribuições de núcleos humanos pelo sertão e as formas de convivência das comunidades. Desse modo, Ribeiro retrata que haviam currais dispersos pelo sertão e que ali viviam criadores de gado que socializavam com outros currais da mesma ribeira. Assim, segundo Ribeiro (2015, p. 253), “[a] necessidade de recuperar e apartar o gado alçado nos campos ensejava formas de cooperação como as

vaquejadas, que se tornaram prélios de habilidade entre os vaqueiros, acabando, às vezes, por transformar-se em festas regionais”.

Na obra, a vaquejada é mencionada no capítulo “História de um bode”, em que Alexandre surge montado em cima de seu bode. Abaixo, segue a descrição de um trecho do início da vaquejada, que irá seguir caminhos surpreendentes ao longo do capítulo.

— [...] No dia da vaquejada, quando me escanchei e peguei na rédea, o bicho largou-se pelo pátio, como quem não quer e querendo, num passinho miúdo que não dava esperança. Os vaqueiros caçoavam de mim: — ‘Que figura, meu Deus! Era melhor que estivesse montado num cabo de vassoura.’ E eu calado, com pena deles todos, e o bode no passinho curto, mangando dos cavalos. De repente avistei uma novilha que não conhecia mourão e gritei para os outros: — ‘Aquele é minha.’ (RAMOS, 2013, p.23)

Outro aspecto presente na obra é o casamento por conveniência, ou seja, relacionado a interesses sociais, financeiros e políticos. No capítulo, foi isso o que aconteceu com Cesária:

— [...] Meu pai era pessoa de muito cabedal, e todo mundo por aquelas bandas queria casar comigo. Eu não fazia conta de ninguém, mas quando Alexandre se apresentou, bem vestido e bem-falante, quebrou-me as forças. Vinha preparado, com um rebenque de cabo de ouro, esporas de ouro... — Montado no bode? perguntou Das Dores. — Não, respondeu Cesária. O bode era para as vaquejadas. Vinha num cavalo baixeiro, arreado com arreios de ouro, espelhando. Só queria que você visse, Das Dores. Meu pai ficou muito satisfeito com o pedido e eu concordei logo: — “Se vossemecê acha que deve ser, está certo.” Marcou-se o dia e preparou-se o enxoval, que foi uma beleza, Das Dores. (RAMOS, 2013, p. 28)

O fato de Alexandre aparentar ter muito ouro, já nos faz supor que o casamento que se arranhou, foi um casamento por interesses. Por fim, tendo apresentado alguns exemplos da cultura nordestina e conseqüentemente dos aspectos do cenário regional presentes na obra, reforça-se que o sertanejo e suas “atividades pastoris, nas condições climáticas dos sertões cobertos de pastos pobres e com extensas áreas sujeitas a secas periódicas, conformaram não só a vida mas a própria figura do homem e do gado.” (RIBEIRO, 2015, p. 254)

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por meio da análise realizada, verifica-se que a figura do sertanejo sofre transformação. Para sustentar ainda mais essa ideia, novamente, Ribeiro (2015, p. 254) relata que o homem e o gado “diminuíram de estatura, tornaram-se ossudos e secos de carne. Assim

associados, multiplicando-se juntos, o gado e os homens foram penetrando terra adentro, até ocupar, ao fim de três séculos, quase todo o sertão interior”.

Segundo Freyre (2001), a literatura e a arte não pertencem apenas à crítica literária, pois “incidem também no domínio sociológico, do historiador social, do antropólogo e do psicólogo social. Porque através da literatura e da arte é que os homens parecem mais projetar a sua personalidade” (p.281). Desse modo, considera-se que em *Histórias de Alexandre* há a representação da personalidade de uma sociedade, da região nordestina, do sertanejo e das mudanças que ocorreram a sua volta. Assim, ao pensar na literatura como expressão artística, pode-se afirmar que, por meio dessa expressão, também há a possibilidade de conhecer melhor a identidade de uma sociedade e dos seus indivíduos.

## REFERÊNCIAS

FREYRE, Gilberto; THOMAZ, Omar Ribeiro (Org.). **Interpretação do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

OLIVEIRA, Amanda de Andrade. **Mirada em *Histórias de Alexandre*, de Graciliano Ramos**. São Cristóvão – SE: UFS, 2017. 89p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017.

RAMOS, Graciliano. **Histórias de Alexandre**. Rio de Janeiro: Record, 2013. recurso digital. Disponível em: <http://lelivros.love/book/baixar-livro-historias-de-alexandre-graciliano-ramos-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/>. Acesso em:

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 3. ed. – São Paulo: Global, 2015. 358p.